

## A noção de excepcionalidade na história das mulheres: o caso da geração de Flora Tristan\*

Moema de Rezende Vergara\*\*

### Resumo

O presente trabalho é orientado segundo as “figuras” vividas por Flora Tristan durante sua vida: viajante, socialista e mulher. Diversas figuras femininas traçam determinadas vivências formadoras da identidade feminina na sociedade, tais como: maternidade, casamento e relação amorosa. A ênfase na figura de viajante revela o espaço da viagem como um lugar privilegiado para o amadurecimento intelectual de Flora Tristan, palco para o desenrolar de importantes experiências de ordem pessoal da autora. A figura de socialista é construída a partir do contexto histórico e do ideário político de Flora e de sua geração.

**Palavras-Chave:** História, Feminismo, Socialismo, Geração Política.

---

\* Recebido para publicação em abril de 1999.

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio.

O caso da geração de Flora Tristan

The Notion of Exceptionality in the History of Women:  
The Case of Flora Tristan's Generation

**Abstract**

The present study displays several characters lived by Flora Tristan during her life: traveller, socialist woman. As a female she lived through the experiences that contributed to the formation of a feminine identity in contemporary society, namely, motherhood, marriage and amorous relationships. The emphasis on the traveller reveals Flora Tristan's wanderings as privileged experiences that account for her intellectual growth, as well as the important role they had in her personal life. The socialist was built upon the historical scenery and the political ideology that influenced Flora as well as her entire generation.

**Key words:** History, Feminism, Socialism, Political Generation.

## Introdução

Flora Célestine Thérèse Henriette Tristan Moscoso nasceu no ano de 1803 em Paris, filha de mãe francesa e pai peruano. Ainda criança, Flora perdeu seu pai, Don Mariano. Mais tarde, aos 17 anos, Flora casou-se no civil com o pintor e litógrafo francês André-François Chazal, em cujo ateliê trabalhava como assistente. Por ocasião de seu casamento, Flora descobriu sua condição de filha natural, uma vez que o casamento de seus pais, celebrado na Espanha, por um sacerdote francês emigrado, nunca foi registrado oficialmente.

Chazal mostrou-se um tirano bêbado e jogador, que gastava o dinheiro da família. Aproveitando-se de uma doença de seu filho, Ernest-Camille, Flora mudou-se para casa de sua mãe e não retornou mais para seu marido, saindo de casa com o filho e grávida de Aline. Como as leis francesas do início do século XIX não permitiam o divórcio, Flora continuou ligada ao marido, fez-se, inclusive, passar por viúva, para poder trabalhar numa confeitaria. Em seguida, perdeu o emprego, pois Chazal a denunciou como sendo sua esposa. Após o nascimento de Aline, Flora empregou-se como dama de companhia de senhoras inglesas, viajando por vários países da Europa. Sobre essas viagens sabemos muito pouco, pois ela mesma se encarregou de destruir toda a documentação deste período.

Cansada das perseguições de Chazal, Flora pretendia buscar refúgio no seio de sua família paterna, viajando para o Peru. Ao chegar neste país, Flora reivindicou sua herança como filha de Don Mariano e seu reconhecimento como filha legítima. No entanto, Don Pio se recusou a reconhecê-la como filha legítima de seu irmão e concedeu-lhe apenas uma pensão, conforme os termos da lei peruana para os filhos naturais.

De volta a Paris, Flora consentiu em deixar seu filho Ernest-Camille sob a guarda de Chazal, para evitar maiores conflitos, mas a justiça a obrigou a entregar também Aline. Na ocasião em que publicou *Nécessité de faire un bon accueil aux femmes*

O caso da geração de Flora Tristan

*étrangères*<sup>1</sup>, Aline fugiu da casa paterna, acusando-o de incesto. Flora denunciou o marido, que foi preso logo em seguida. Em consequência de sua malsucedida experiência matrimonial, travava uma luta pela ampliação do divórcio, bastante restrito pelo Código Napoleônico e posteriormente extinto pela Restauração Monárquica (1815).

Em 1838, Chazal desferiu dois tiros em sua esposa, quando esta saía de casa. Apesar da gravidade dos ferimentos, ela se recuperou e Chazal foi condenado a 20 anos de trabalhos forçados. Alguns anos mais tarde, mesmo não tendo se recuperado plenamente do atentado, Flora empreendeu uma viagem pela França – registrada no livro *Le Tour de France*, postumamente publicado – para divulgar seu livro *Union Ouvrière*.<sup>2</sup>

Após esta pequena digressão sobre a vida de Flora Tristan, retornemos nossa atenção ao recorte que orienta o presente artigo: dar visibilidade ao aspecto do socialismo de Flora Tristan que se relaciona com o feminismo, expresso nas páginas de *Union Ouvrière*. Essa questão será tratada a partir dos pontos de contato entre a idéia de excepcionalidade presente nas reflexões do campo da História das Mulheres e o conceito de geração empregado na História Política. Flora Tristan é comumente retratada na literatura como uma mulher excepcional ou heroína, enfatizando sua diferença com as outras mulheres de sua época. Para ilustrar essa afirmação, observemos como Geneviève Fraisse enquadrou Flora na categoria das mulheres excepcionais:

Individualmente, certas mulheres fizeram uma brecha no muro dos lugares interditos. Voluntariamente ou involuntariamente, as mulheres “excepcionais” abriram a

---

<sup>1</sup> Panfleto feminista de 1835 que marca o início de suas campanhas públicas a favor das mulheres e dos trabalhadores. Nesse período, entra em contato com os socialistas utópicos.

<sup>2</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Paris, Des Femmes, 1986.

emancipação para as mulheres, seja por suas ações pioneiras, seja por sua função emblemática para as mulheres das gerações seguintes. Certas mulheres são heroínas, apesar delas enfrentarem o proibido não por desejo de transgressão, mas porque elas estão possuídas pelo desejo de obter algo de masculino. São heroínas simbólicas; elas se chamam Madame de Staël, Flora Tristan, George Sand, etc.<sup>3</sup>

Em contrapartida Eleni Varikas e Michèle Riot-Sarcey alertam que o significado mais corrente do termo de excepcionalidade remete, em princípio, à transgressão de uma regra concebida e imposta por uma estrutura social patriarcal: a regra de inferioridade das mulheres ou, em todos os casos, de sua diferença fundamental em relação aos homens, que circunscrevem seus comportamentos, suas necessidades, seus campos de ação no interior de uma ordem por eles estabelecida. Toda mulher que não aceitava submeter-se a essa regra era, aos olhos da sociedade, excepcional, mais para seus contemporâneos do que para a posteridade. Ao optarmos por trabalhar com esta noção de excepcionalidade arriscamo-nos, então, a reproduzir a visão hegemônica que reduziram, até o presente, as experiências históricas das mulheres à uma feminilidade normativa ou essencialista, fora da qual o que existe é anomalia e transgressão da ordem natural. Este risco existe mesmo quando a norma se funda sobre uma representatividade “sociológica”, pois freqüentemente aquilo que é “representativo”, isto é, feito por “todas as mulheres”, é revelado pelo mesmo olhar normativo, excluindo tudo que não pode iluminar a opacidade que cobre a existência passada dos outros segmentos da sociedade. Este perigo já foi revelado nas primeiras antologias feministas de reflexão histórica, que afirmam a necessidade de abordar os

---

<sup>3</sup> FRAISSE, Geneviève. De la Destination ao Destin. In: DUBY, Georges et PERROT, Michelle. *Histoire des Femmes en Occident*. Roma, Plon, 1991, pp.57-86.

## O caso da geração de Flora Tristan

“casos isolados” das mulheres não como exceções, mas como a parte visível de um *iceberg*. “Enfim, adotar o esquema de norma-exceção mina a reflexão sobre o problema central da dialética entre o único e o geral, o singular e o universal”.<sup>4</sup>

Um desdobramento possível da reflexão sobre o único e o geral, o singular e o universal pode ser analisado a partir da relação entre o indivíduo e a sociedade. Assim, numa tentativa de lançar uma visão crítica às condições sociais que produziram “mulheres excepcionais”, como Flora Tristan, optamos por empregar o conceito de **geração** da história política, pois julgamos que esse conceito nos será de extrema utilidade para a compreensão do contexto histórico do período que estamos estudando e, desta maneira, para relativizar o caráter de “mulher excepcional” de Flora Tristan, na medida em que este conceito enfatiza os processos de construção dos sujeitos coletivos. O ressurgimento da temática das gerações pode ser considerado como um desdobramento da abordagem biográfica, em voga nos anos 80 e 90. A noção de geração social se impõe como um conceito de articulação das biografias singulares e da história social.<sup>5</sup>

Geração pode, primeiramente, ser uma forma de periodização, no sentido de ser produto da natureza, e constituir-se em um parâmetro invariante. A geração, como fenômeno “biológico” é, desse modo, aparentemente um fato da natureza, mas também da cultura, de um lado, modelada pelo fato, de outro, derivada da auto-representação e da autoproclamação: o sentido do ser, ou de ter sido, de uma classe de idade contribui para a formação da identidade diferencial.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> VARIKAS, Eleni et RIOT-SARCEY, Michèle. Réflexions sur la Notion d'Exceptionnalité. *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n° 37-38, 1988, pp.77-89.

<sup>5</sup> TERRAIL, Jean-Pierre. Les Générations Sociales dans L'après-Guerre. *Annales de Vaucresson*, n°s 30-31, 1991, pp.105-125.

<sup>6</sup> SIRINELLI, Jean-François. La Génération. *Histoire au Présent*, La Construction du Temps Historiques, Paris, 1991, pp.129-134.

Assim, a noção de geração é dificilmente dissociada do fato (*l'événement*). Esse – o fato – desempenha um papel fundador, imprimindo sua marca no processo de tessitura da identidade de uma geração. A necessidade de um acontecimento marcante assegura sua função de integração; “essa noção é bastante fluida, indecisa e de valor relativo”.<sup>7</sup> Não se pode generalizar a visão de mundo de Flora Tristan para seus contemporâneos. É impossível falar da geração de Flora como um bloco homogêneo, da mesma forma que quando falamos, por exemplo, da “geração existencialista”, não queremos dizer que todos os jovens dos anos 50 partilhavam das mesmas idéias existencialistas. O estudo da geração traz evidências “desaparecidas” e suas contradições. É conveniente, no estudo das gerações, restituir à realidade sua dimensão histórica, isto é, não negligenciar o conjunto do campo ideológico, intelectual ou estético, não confundir, em outros termos, uma escola e uma época.<sup>8</sup>

Uma geração, com efeito, não é um lugar de monocultura política, em seu seio coexistem temperamentos e sensibilidades políticas diversas. Geração, neste sentido, é menos o efeito da idade e mais os estágios autônomos dotados de uma identidade própria. No entanto, os efeitos da idade são perceptíveis no domínio da cultura política e, longe de ser um fenômeno inerte, compõem as engrenagens da política, sendo, portanto, para o historiador, parâmetros de análise e de explicação.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> GIRADET, Raul. Du concept de génération a la notion de contemporanéité. *Revue d'Histoire Moderne*, Paris, avril-juin 1983, pp.257-270.

<sup>8</sup> ID., IB., p.262.

<sup>9</sup> SIRINELLI, Jean-François. Génération et Histoire Politique. *Essay*, n° 22, junho de 1989, pp.67-80.

O caso da geração de Flora Tristan

### A geração de Flora Tristan

Vários foram os fatos fundadores da geração de Flora Tristan, como a experiência da Revolução de 1830 e a sangrenta repressão aos trabalhadores da indústria de seda em Lyon em 1831. Esses fatos deixaram profundas marcas em uma geração que começou a ficar horrorizada com a miséria e o sofrimento produzidos pelo capitalismo industrial. Mais do que tudo, os anos de 1830 foram testemunha da expansão de uma crise moral, religiosa e de valores políticos experimentados pelos contemporâneos como o fim do “Velho Mundo”.

A liberdade de imprensa, estabelecida no primeiro ano da Revolução de 1830, revelou um extraordinário grau de inquietude e ultraje acumulado durante a Restauração – período que combinava o poder autoritário do Antigo Regime com o materialismo da ordem burguesa – o triunfo do individualismo e o primado do lucro.

Na Igreja, o clero era incapaz de dar conta da ansiedade e miséria dos tempos. Acrescentando a este cenário o desapontamento das massas populares, que viram sua Revolução ser usurpada pelo rei burguês Louis Philippe.<sup>10</sup>

Neste quadro de descontentamento geral, a insatisfação feminina foi agravada pelo Código Napoleônico, que instituiu a “escravidão matrimonial”, a “masculinização” de profissões tradicionalmente femininas, aumentando a miséria entre as trabalhadoras. As publicações, entre 1830-1834 das novelas-debates *Indiana* e *Lélia* de George Sand, de jornais feministas, como *Journal des Femmes* ou o *Conseiller des Femmes*, sugerem

---

<sup>10</sup> BRAVO, Gian Mario. *Les socialistes avant Marx*. Vol. I, Paris, Maspéro, 1970.



que a intranqüilidade e o descontentamento resultaram na formação de uma opinião pública das mulheres.<sup>11</sup>

O contexto de crise generalizada, e a desesperada busca de novos valores morais e sociais, favoreceu o surgimento do movimento saint-simoniano, entre 1826-1834, que teve grande audiência e abrangência entre as mulheres e trabalhadoras. Suas atividades forneceram um importante espaço para críticas e debate das principais questões sociais e políticas e, ao mesmo tempo, uma vivência comunitária e a experiência de uma nova moral sexual.

Um impulso decisivo foi dado por Prosper Enfantin, líder carismático, que lança, em 1831, *Appel aux Femmes*, publicado no jornal *Le Globe*, desencadeando uma torrente de cartas de leitoras de Paris e da província. Ele convocava as mulheres a serem mulheres-messias para iluminar os homens através da sensibilidade feminina; “sacerdotisas”, aplacando as discórdias civis, e donas de seus corpos, livres para terem amantes sem serem acusadas de imoralidade; ou mulheres de ação, tendo alta função social e exercendo uma influência benéfica na sociedade. Segundo Enfantin, para se atingir o estágio de uma sociedade pacífica, o principal guia da “nova era” deveria ser o “amor” e não a “razão”. Desta forma, a mulher desloca-se para o centro da teoria saint-simoniana. Para Enfantin, a mulher seria “naturalmente” dotada de sentimentos, dissipando antagonismos e tornando-se um agente privilegiado na evolução pacífica para a “nova era”. A entrada da mulher no espaço público restauraria o equilíbrio inicial da sociedade, através da associação entre o princípio masculino de reflexão e o princípio feminino de “sentimento”. Esta associação seria expressa pela instância governamental na sociedade futura: o casal-papa, o PAI e a MÃE. Enfantin chegou a organizar uma expedição ao Egito com

---

<sup>11</sup> VARIKAS, Eleni. A Supremely Rebellious Word. Claire Démar: A Saint-Simonian Heretic. Argument-Sonderband as 185. *Literatur im historischem Proze*, Neue Folge 26β, pp.89-103.

## O caso da geração de Flora Tristan

objetivo de encontrar a mulher-messias; no entanto, os “missionários” retornam à Europa, em 1834, de mãos vazias. O movimento saint-simoniano fez-se pólo importante de atração para as mulheres, particularmente as trabalhadoras, que aí encontraram um sentimento de pertencimento e suporte emocional, acesso à educação, da qual elas haviam sido excluídas, e uma fé messiânica na possibilidade de emancipação.

Estimuladas pela confiança nesta nova proposta política, várias mulheres começaram a escrever. Adèle de Saint-Amand, por exemplo, redigiu, em nome do Colégio Saint-Simoniano, *Proclamation Aux Femmes sur la Nécessité de Fonder une Société des Droits de la Femme*. Surge também neste período a primeira revista feminista na França, criada por Marie-Reine Guindorf, de 20 anos, e Désirée Véret, de 22 anos. O periódico, fundado por essas proletárias saint-simonianas em agosto de 1832, teve vários títulos – *La Femme Libre* e *La Femme Nouvelle*. Durou dois anos, encaminhando corajosas campanhas a favor da educação das mulheres, melhoria de sua condição econômica e familiar, sendo fechado pelo golpe da lei sobre as associações. Este jornal publicava apenas contribuições femininas. O tom de unidade do jornal era dado pela decisão das redatoras de assinarem com um só prenome, seguindo a convicção de que “a bandeira das mulheres é universal”.<sup>12</sup>

Pertencem a esta época também as *payennes*, saint-simonianas que usavam uma fita para indicar que elas eram “inconstantes” no amor; aquelas que permaneciam fiéis a um só homem se distinguiam por uma dália. Entre as *payennes* quem mais se destacou foi Claire Démar com seu livro *Ma Loi d'Avenir*, no qual discutia os princípios do casamento, demonstrando que as razões da subordinação das mulheres na sociedade estavam vinculadas à sujeição a que se submetiam no casamento monogâmico, considerando a “exploração tirânica exercida em

---

<sup>12</sup> ALEXANDRIAN. *Le Socialisme Romantique*. Paris, Éditions du Seuil, 1979.

benefícios dos homens sobre as mulheres”. Claire Démar vive tão intensamente suas idéias que se suicida em 1833 com seu amante, Perret Désessart, após ter tentado pôr em prática suas teorias sobre a inconstância.<sup>13</sup>

Pauline Roland descobre o saint-simonismo, aos 22 anos, através de seu professor de letras, em Falaise, lugar onde nasceu. Ela fez proselitismo o quanto pôde: incitou um jovem pintor a se revoltar contra seu pai; converteu ao saint-simonismo o subprefeito de Béthune e um professor de filosofia da faculdade de Caen. Mesmo sem ser bonita, mas tendo muito charme, ela decidiu colocar todo seu poder feminino de sedução a serviço da causa social. Mais tarde, no final dos anos 40, ela retomou a obra de Flora Tristan para realizar a união dos trabalhadores. Foi presa diversas vezes, sendo extraditada para a Argélia, quando seus amigos e seu filho mais velho pedem a Luis Napoleão sua libertação. Este lhe concedeu anistia em 1852, mas Pauline morreu em Lyon, antes de chegar a Paris, em decorrência de seu estado debilitado e das péssimas condições de viagem da Argélia para a França. As feministas saint-simonianas apelavam para as “mulheres de todas as classes” em nome de seus interesses comuns, suas idéias eram baseadas no universalismo dos direitos humanos. Muitas das editoras da *Tribune de Femme* desenvolveram a visão da emancipação das mulheres baseada na diferença sexual, distinguindo identidades de gênero e papéis sociais.

Os saint-simonianos têm o mérito incontestável de serem os primeiros a chamar a atenção para o problema da subordinação feminina. No entanto, eles não eram os únicos socialistas a se preocuparem com essa questão: Cabet conferia à mulher um papel de destaque em seu sistema. Quando os discípulos de Cabet embarcaram para a América, para fundar os falanstérios, “onde a felicidade deveria renascer na harmonia”, muitos deles

---

<sup>13</sup> DÉMAR, Claire. *L’Affranchissement des Femmes*. Paris, Payot, 1976.

## O caso da geração de Flora Tristan

eram mulheres que abandonaram tudo para abraçar este ideal. Outro socialista, Charles Fourier, pregava a liberdade sexual como único meio de conferir às mulheres seu pleno desenvolvimento. Também reclamava para as mulheres a liberdade de escolha de uma profissão e a mesma remuneração dos homens. As fourieristas foram pouco numerosas, mas eram ativas e bastante eficazes. Contudo, nem todos os socialistas da primeira metade do século XIX desejavam a igualdade entre os sexos: Proudhon entendia que a mulher deveria ficar em casa, este seria seu papel eterno. No lar, ela deveria servir ao seu senhor e mestre com o respeito que lhe é devido. Proudhon recusava à mulher o prazer físico, e seu marido deveria também se poupar de instruí-la, sobretudo no que se referisse aos estudos, que seriam perda de tempo para a sociedade. Este autor preconizava uma nova legislação que permitiria ao marido punir sua mulher segundo certas normas, tendo inclusive o direito de vida e morte sobre ela.<sup>14</sup>

Em meio a este intenso debate sobre a emancipação feminina, em plena Restauração Monárquica, várias francesas socialistas e feministas tinham novas experiências, tanto na política quanto no campo afetivo. Désirée Véret, uma das fundadoras do periódico *Tribune des Femmes*, depois de ter assediado Enfantin e ter sido repudiada por ele, se refugiou na Inglaterra e, mais tarde, tornou-se fourierista. Marie-Reine Guindorf, esposa de Flichy, se apaixonou loucamente por um rapaz da Escola Societária; não sendo correspondida, se jogou no rio Seine. Clorinde Rogé, casada com o músico Tajan-Rogé, foi ao Egito com o intuito de fundar uma escola missionária. Lá chegando conhece Soliman-Pacha, que a fez viver em seu palácio como uma rainha. Depois deste período de “inconstância”, como diria Claire Démar, Clorinde voltou a viver com seu marido, que

---

<sup>14</sup> DECAUX, Alain. *Histoire des Françaises*. Paris, Librairie Académique Perrin, 1992, pp.767-768.

continuava adorando-a. Até a séria Suzanne Voilquin teve seus dias de “inconstância” e teve um filho fora de seu casamento com Charles Lambert.<sup>15</sup>

Flora fez parte desta geração, compartilhou de seus ideais libertários, fazendo as mesmas leituras. No entanto, ela se apropriou das idéias que estavam circulando naquele momento na Europa de uma forma particular. A abordagem teórica do interacionismo simbólico nos ajuda na compreensão deste processo vivido por Flora, na medida em que assegura que o mesmo acontecimento tem diferentes significados para diferentes pessoas.

No fluxo da interação social os atores elaboram definições e redefinições contínuas acerca das ações dos outros e, portanto, também, de seu próprio papel. Por meio desta dinâmica, os padrões de comportamento são criados, confirmados, desprezados ou revisados no curso da interação social.<sup>16</sup>

O interacionismo simbólico explicaria porque nem todos os contemporâneos de Flora Tristan pensavam e reagiam como ela. Mesmo compartilhando dos mesmos fatos fundadores, esses são experimentados e apropriados de forma diferente pelas pessoas de uma mesma época. A partir daí podemos entender tanto o que Flora tem de comum com sua geração, quanto aquilo que a difere dos outros socialistas. Em sua obra, Flora sistematizou muitas das idéias que estavam circulando em seu meio, como a influência fourierista em *Union Ouvrière*, particularmente clara no seu plano de palácio operário, ou na sua exigência de reconhecimento do direito ao trabalho e de organização do

---

<sup>15</sup> ALBISTUR et ARMOGATHE. Introduction. In: TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.15.

<sup>16</sup> SALEM, *apud* GOLDENBERG, Mirian. *Ser Homem, Ser Mulher: Dentro e Fora do Casamento*. Rio de Janeiro, Revan, 1991, p.90.

## O caso da geração de Flora Tristan

trabalho, é inegável que ela deve aos saint-simonianos seu conceito de consciência da classe operária<sup>17</sup> e principalmente sua preocupação com a emancipação feminina. O fato de possuir elementos em comum com os outros socialistas de sua geração não ofuscou o brilho de sua vida de militante apaixonada, apenas nos dá mais algumas pistas para analisarmos como ela se forjou como socialista, dando relevo para o que ela tem de particular. O socialismo de Flora não pode ser reduzido apenas a uma síntese das idéias de sua época, pois há nele algo que é enriquecido pelos acontecimentos pessoais, amplificados pelo alargamento constante de seu interesse social.

### *A Union Ouvrière*

À medida em que Flora foi percebendo que seus esforços para realização pessoal haviam falhado, concluiu que, se não podia ser feliz, “deveria ao menos empenhar-se em ser útil à massa sofrida dos trabalhadores e das mulheres do povo, ou seja, devia ser útil à humanidade.”<sup>18</sup> Assim, Flora empenhou-se em multiplicar e aprofundar seus vínculos com o movimento operário francês e informar-se melhor a respeito do que os trabalhadores realmente pensavam. Segundo a análise de Leandro Konder, politicamente, Flora movia-se numa trilha estreita e escorregadia entre os revolucionários que optavam por um caminho insurrecional (como Auguste Blanqui) e os preconizadores de reformas superficiais, incapazes de mobilizar a massa dos trabalhadores para a criação de uma sociedade

---

<sup>17</sup> Mesmo que se equivoque com a idéia de constituição de classes na sociedade formulada por Saint-Simon, na qual Flora confunde o fenômeno socio-econômico de longa duração que é a constituição de uma classe nova e o fenômeno político de média ou de curta duração de constituição de partidos representativos desta classe, vista como a disputa de poder pontual desses partidos.

<sup>18</sup> KONDER, Leandro. Flora Tristan: Uma Vida de Mulher, Uma Paixão Socialista. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994, p.81.

efetivamente nova. Por um lado, ela acreditava nas possibilidades de um bom entendimento com os radicais, aos quais faltava a dimensão do “amor”; por isso tentou (em vão) visitar na cadeia o revolucionário Armand Barbès, que estava preso por ter organizado, em 1839, ao lado de Blanqui, em Paris, uma sublevação promovida pela Société des Saisons. Por outro, ela estava convencida de que os operários interessados em reformas tímidas e inócuas poderiam facilmente vir a se interessar por inovações realmente significativas e pela luta por grandes mudanças. Era preciso, contudo, que as concepções transformadoras lhes fossem expostas com clareza e muito francamente.

Escrever um livro tornou-se uma necessidade imperativa para Flora, no qual suas idéias deveriam estar claras o suficiente para melhor atingir seu público-alvo – os proletários. A partir da leitura do *Livre du Compagnonnage* de Agricol Perdiguier, Flora teve a idéia de promover a união operária e fazer uma viagem pela França para propagar e realizar esta união.<sup>19</sup> Através de subscrições, Flora conseguiu, uma quantia um pouco maior que 1.500 francos para fazer a primeira edição, de 4.000 exemplares, da *Union Ouvrière*. Número relativamente significativo se comparado a outras tiragens da época deste gênero de publicação – em 1840, Proudhon publicou *O Que é a Propriedade?* com 500 exemplares; *O Manifesto do Partido Comunista* circulará em 1848 com apenas 2.000 exemplares. No espaço de 18 meses Flora redigiu *Union Ouvrière*, tendo escrito quatro prefácios para as reedições, sendo que um não foi terminado; as três edições totalizaram 24.000 exemplares.<sup>20</sup>

*Union Ouvrière* se organiza de forma não sistematizada, lançando mão de abordagens empíricas ou históricas sucessivas. O livro apresenta um esboço de definição da noção de “classe

---

<sup>19</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.12.

<sup>20</sup> ID., IB., p.26.

## O caso da geração de Flora Tristan

operária”, principalmente pela determinação de seu caráter genérico, de exploração, de miséria e de isolamento social. Com o intuito de fortalecer os laços de união da classe operária, Flora faz um paralelo histórico com a formação da burguesia que se constituiu em 1789. A “classe operária” estaria destinada a se construir num futuro próximo. Flora concluiu o livro fazendo um apelo à constituição da classe operária, através de um projeto de lei e fez também proposições concretas de união geral dos trabalhadores, a fim de fazê-los sair de seu isolamento.<sup>21</sup>

A análise de *Union Ouvrière* ganha maior interesse para nós, na medida em que Flora desvendou suas preocupações com as mulheres. Suas observações realizadas durante a visita ao Peru, suas pesquisas na Inglaterra – relatadas no livro *Promenades dans London*<sup>22</sup> – e na França convenceram-na de que por todo canto o destino das mulheres era a humilhação, porque tinham nascido do lado errado. O mundo era dos homens: eles que faziam as leis. Sua condição de gênero lhe trouxe muitos problemas na sua vida pessoal, impedindo-a, inclusive, de exercer plenamente sua militância política. Flora foi impedida de participar de um banquete de aniversário de morte de Fourier, onde um jornalista afirmou que não era conveniente uma mulher se misturar com política; num hotel de Montpellier, lhe foi negado um quarto porque ela era mulher. Flora contava que geralmente não acreditavam que ela era a autora de *Union Ouvrière*, pois tratava-se “de um livro muito bem escrito para ser obra de uma mulher – pensam que foi um homem superior quem o fez e que não ousava aparecer”, e Flora seria paga para se apresentar como autora.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> ID., IB., p.28.

<sup>22</sup> TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres ou L'Aristocratie et les Proletaires Anglais*. Paris, série La Découverte/Maspero, introdução e comentários de François Bédarida, 1983.

<sup>23</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.61.



Flora se inscreveria na corrente racionalista do Iluminismo, quando ela imputava à falta de educação intelectual das jovens sua condição de subordinação. Contrariamente ela utilizava recursos passionais para descrever a sujeição das mulheres na tradição filosófica e religiosa ocidental.<sup>24</sup> Se Flora reclamava direitos para as mulheres, não era em nome da superioridade das mesmas, mas simplesmente uma questão elementar de justiça, visando um reequilíbrio das forças disponíveis no universo doméstico e no movimento social – projeto que teria um sentido de utilidade para toda a sociedade. Interessante observar que o capítulo “Pourquoi je mentionne les femmes” era endereçado aos operários, que representam, para Flora, a parte mais viva, mais numerosa e mais útil da humanidade.<sup>25</sup> À primeira vista, pode parecer que Flora deixava a emancipação feminina a cargo dos homens quando apelava aos operários. Contudo, o que ela estava propondo era uma revolução nos costumes, em que todos deveriam tomar parte e reavaliar seus papéis de gênero. Flora antecipou a máxima tão repetida pelo feminismo contemporâneo de que o pessoal é político, na medida em que a revisão do relacionamento entre homens e mulheres é peça fundamental para a construção de uma nova sociedade.

Sobre a subordinação das mulheres, Flora ponderava que:

Até o presente a mulher não teve grande participação na sociedade. E qual foi o resultado? O padre, o legislador, o filósofo a trataram como uma verdadeira pária. A mulher (metade da humanidade) foi colocada fora da Igreja, da lei e da sociedade.

---

<sup>24</sup> Id., *ib.*, p.69.

<sup>25</sup> Parafrazeando Saint-Simon, que se referia aos operários como a classe mais numerosa da humanidade, Flora o critica, acrescentando que, além de mais numerosa, o proletariado era a classe mais útil.

## O caso da geração de Flora Tristan

Segundo Flora, Aristóteles colocou a questão se as mulheres têm alma e esta pergunta foi positivamente respondida no concílio de Mâcon com a diferença de três votos. É interessante observar como Flora conduz sua argumentação:

Assim, por três votos a menos a mulher seria reconhecida como pertencendo ao reino das feras brutas, e sendo assim, o homem, o mestre, o senhor seria obrigado a coabitar com a fera bruta! Esta idéia fez tremer e gelar de horror!... Isto causaria uma profunda dor nos sábios dos sábios pensar que eles descendem da raça feminina. Porque se eles estão realmente convencidos que a mulher é tão estúpida, que vergonha para eles de ter sido concebidos nas entranhas de tal criatura, de ter sugado seu leite e de ter ficado sob sua tutela uma grande parte de sua vida! Oh! é bem provável que se estes sábios pudessem colocar a mulher fora da natureza, como eles a colocaram fora da Igreja, fora da lei e da sociedade, eles apagariam a vergonha de descender de uma mulher – Mas felizmente acima da sabedoria dos sábios há a lei de Deus.<sup>26</sup>

Geneviève Fraisse esclarece que o concílio de Mâcon de 586, no qual se discutiu se as mulheres possuíam alma ou não, era uma lenda. De fato, houve um sínodo provincial em 585 onde se indagou se o conceito de homem, tal qual o *mensch* alemão, incluiria ao mesmo tempo o sexo masculino e o ser humano em geral, mulheres inclusive. Assim, discutia-se se a alma do ser humano comportava a questão da diferença e da igualdade – a alma como essência humana, de identidade dos seres, homens e mulheres – ou se haveria uma diferença, implicando uma desigualdade ontológica. No começo do século XIX, fez-se menção a esta lenda para se discutir a semelhança e diferença entre os sexos, sem, contudo, explicar seriamente esse problema,

---

<sup>26</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.85.

“como se tudo estivesse ditado num espaço transcendente da história e da sociedade”.<sup>27</sup>

Em sua argumentação, Flora descrevia vários fatores que contribuíram para a segregação da mulher: a Igreja via a mulher como fonte de corrupção, tentação e pecado; o legislador não reconhecia o lugar da mulher no “banquete social”; a família, onde devia obediência cega ao pai e ao marido; os sábios, sejam médicos ou filósofos, afirmavam com argumentos científicos que a mulher, segundo sua organização (no sentido de estrutura, conformação), seria inferior ao homem.

A mulher não tem inteligência, não tem compreensão das altas questões, nenhuma capacidade para as ciências puras, nenhuma aptidão para os trabalhos sérios. Para a ciência a mulher é dócil de corpo e de espírito, pusilânime, supersticiosa, em uma palavra, uma criança caprichosa, voluntariosa, frívola, devendo, assim, obedecer ao seu mestre.<sup>28</sup>

Flora estabeleceu a relação da subordinação das mulheres, com o que ela chama de outra “raça da humanidade” – os proletários. A inclusão dos homens despossuídos de propriedade e das mulheres na mesma condição remete à dicotomia entre público e privado, em que a

esfera pública, seria o lugar dos homens livres – aqueles que, pela condição de proprietários, contavam com uma renda assegurada pelo trabalho de outros, separada do domínio privado, espaço dos que estavam presos ao reino da necessidade, justamente por serem destituídos de

---

<sup>27</sup> Fraisse, G. *Muse de la Raison: Démocratie et Exclusion des Femmes en France*. Paris, Gallimard, 1995, p.232.

<sup>28</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.188.

## O caso da geração de Flora Tristan

qualquer outra propriedade, além do próprio corpo, como os trabalhadores e as mulheres.<sup>29</sup>

Essa questão irá repercutir mais tarde na noção de cidadania.

O conceito de propriedade privada, proposto por Locke, partia da afirmação de que todos tinham a propriedade do próprio corpo. Aos poucos, porém, essa afirmação foi sendo desmontada, na medida em que caminhou para uma definição de quem é cidadão e não cidadão, chegando-se à conclusão de que quem tem direito à propriedade são os mais capazes de lidar com uma racionalidade própria do espaço público. Ou seja, impõe-se a noção de cidadania nos termos clássicos: cidadão é quem tem liberdade e propriedade. Assim se construiu a democracia moderna, a partir da exclusão política dos homens pobres e das mulheres.

A democracia não se constituiu como centro das preocupações de Flora Tristan, embora ela identificasse a semelhança da exclusão do trabalhador e das mulheres frente à República. Assim, a união desses dois segmentos seria a solução para eliminar as injustiças da sociedade, pois ela asseverava que a inferioridade da mulher, posta como princípio, resultou em algumas conseqüências desastrosas para o bem-estar da humanidade.

Depois de analisar as esposas inglesas e as aristocratas peruanas<sup>30</sup>, Flora falou sobre a mulher da classe operária na França. Diante da ruína do trabalho rural doméstico, milhões de mulheres tornaram-se operárias, principalmente na indústria têxtil. A pesquisa de Villermé – médico e membro da Académie des Sciences Morales et Politiques – mostrou a situação em 1836; os operários têxteis tinham salários “insuficientes e incertos”, ainda

---

<sup>29</sup> RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e Recusas: Mulheres, Espaço Público e Cidadania*. Curitiba, Pinha, 1996, p.23.

<sup>30</sup> TRISTAN, Flora. *Peregrinaciones de Una Paria*. Havana, Casa de Las Americas, 1984.

mais insuficientes e incertos no caso das mulheres. O salário médio para uma jornada dos homens era de dois francos, para as mulheres era somente de um franco. Villermé notou que, em tais condições, a embriaguez representava uma ameaça para o orçamento do operário, que vivia com três ou quatro *sous* de pão e três ou quatro *sous* de batata. Subalimentação, raquitismo, crescimento da mortalidade e prostituição eram as conseqüências da miséria operária.<sup>31</sup> Acrescentavam-se a este quadro as péssimas condições de trabalho nas fábricas. Na indústria do algodão, por exemplo, as trabalhadoras respiravam nuvens de poeira que causavam a chamada *phthisie cotonneuse*. Na indústria da seda as mulheres eram obrigadas a trabalhar com suas mãos imersas em tanques de água fervendo, respirando todo tipo de **emanações fétidas**. Mas, principalmente no desempenho de seu papel de **mãe**, Flora centrou suas considerações sobre a mulher da classe operária.

As mulheres do povo se mostram mães muito ternas com seu filhos pequenos até que eles atinjam a idade de dois ou três anos. – Seu instinto de mulher as faz compreender que as crianças, durante seus primeiros anos, têm necessidade de uma contínua solitação. – Mas passada esta idade, elas os brutalizam (salvo exceções).<sup>32</sup>

Flora atestava que sua intenção em falar sobre a ignorância das mães da classe operária, no que concernia à capacidade de criar seus filhos, não era de as atacar, mas sim à sociedade que as deixava incultas. Flora sentia a contradição entre a natureza doce e generosa das mulheres e o caráter bruto e mau das mulheres do povo em geral, constituindo-se esse o ponto de partida do esforço de compreensão dessa realidade. Por mulher da classe operária, entendia-se tanto a esposa do operário, quanto a operária. No

---

<sup>31</sup> DECAUX, Alain. *Histoire des Françaises*. Op.cit., 1992, p.757.

<sup>32</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.194.

## O caso da geração de Flora Tristan

que se referia às trabalhadoras, o que chamava a atenção de Flora era a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres. A razão para esta injustiça estaria na crença de que a maior força física dos homens seria o fator da maior remuneração dos mesmos. Flora contra-atacava lembrando que em todas as profissões que necessitam de agilidade manual, as mulheres produzem o dobro dos homens, mas mesmo assim elas continuam ganhando menos e alertava os operários sobre este perigo,

pois os industriais, vendo que as operárias trabalham mais rápido e pela metade do preço, irão despedir a cada dia os operários de seu *atelier* e os substituindo por operárias. Depois, se despediria as mulheres para as substituir por crianças de doze anos. – Economia de metade do salário! Deixem passar uma injustiça, que ela irá levar a milhares.<sup>33</sup>

Falando sobre o lar dos operários, Flora garantia que havia poucos lares felizes. O homem era um pouco mais instruído do que a mulher, que era na casa uma “serva humilde”<sup>34</sup>, tratada pelo marido com desprezo. A animosidade entre os esposos os levava a um estado de constante irritação.

Este estado de coisa, tem como conseqüência a ida do marido infeliz para o cabaré, lugar de perdição, onde o operário perde seu tempo, seu dinheiro, sua saúde e embota sua inteligência. Este modo de distração agrava o mal. – A mulher que espera o pagamento do domingo para fazer viver toda a família durante a semana, se desespera vendo seu marido gastar boa parte do dinheiro no cabaré. O cabaré não é a causa do mal, mas simplesmente o efeito. – A causa do mal está unicamente na ignorância, na miséria, na brutalização na qual a classe

---

<sup>33</sup> ID., IB., p.195.

<sup>34</sup> ID., IB.

operária está mergulhada. – Instrua o povo e em 20 anos os cabarés estarão fechados por falta de consumidores.<sup>35</sup>

A felicidade, que encontrava um terreno propício na utopia socialista da primeira metade do século XIX, tornava-se assim a procura de uma outra gestão da tensão entre razão e paixão, entre indivíduo e comunidade, entre desejo e dever. Suscita, sobretudo, uma dúvida radical sobre o pressuposto da teoria clássica, que define a razão como a única maneira de resolver a anarquia das paixões múltiplas e antagônicas.<sup>36</sup> A ênfase que se atribui à família no século XIX pode ser explicada como uma resistência à nova ordem social, regida por interesses comerciais e atitudes impessoais, considerando o espaço público como moralmente inferior, porque nele as relações interpessoais já não eram mais hierárquicas e distintivas. A família, então, veio representar não só um lugar em separado da impessoalidade da esfera pública, mas um refúgio para preservar a privacidade dos indivíduos e da subjetividade.<sup>37</sup>

Nesse momento, observa-se a distinção das esferas públicas e privadas como os lugares da produção e da reprodução. Fraisse assegurou que as mulheres eram afetadas no espaço doméstico, mas elas não eram totalmente excluídas da vida pública, na medida em que participavam da política através de sua vida doméstica. Dito de outra forma, as mulheres faziam os costumes enquanto os homens faziam as leis. Assim, diz Rousseau, as mulheres são “a preciosa metade da República”.<sup>38</sup> Flora seria uma herdeira desta proposição, quando valorizava a função da mulher operária enquanto mãe e esposa.

---

<sup>35</sup> ID., *IB.*, p.196.

<sup>36</sup> VARIKAS, Eleni. O Pessoal é Político: Desventuras de Uma Promessa Subversiva. *Tempo*. Niterói, Relume Dumará, vol. 2, n° 3, junho de 1997, pp.59-80.

<sup>37</sup> RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e Recusas...* Op.cit., p.21.

<sup>38</sup> Fraisse, G. *Muse de la Raison...* Op.cit., p.338.

## O caso da geração de Flora Tristan

Flora descreveu o cotidiano das mulheres operárias como algo terrível: brigas com o marido, inúmeras gestações, doenças, falta de trabalho e miséria; acrescida à esta cena quatro ou cinco crianças gritando, turbulentas e enjoadas em torno da mãe, num quarto pequeno. “Seria preciso ser um anjo descido na terra para não se irritar e não se tornar bruta e má numa situação como esta”.<sup>39</sup> A infelicidade das mães alcançaria os filhos, que não tendo ninguém para tomar conta deles, iriam da *flânerie* para vagabundagem e, freqüentemente, da vagabundagem para o roubo.

A leitura de *Union Ouvrière* nos faz crer que Flora tinha em mente a imagem, comum em sua época, de homem novo, laico e republicano em oposição à mulher ignorante, repleta de religiosidade. Assim sendo, o homem recusava a igualdade democrática a esta mulher – o direito de voto notadamente – por medo de seu conservadorismo intelectual e moral. No momento que o homem chegava à condição de autonomia individual, à uma posição de sujeito, a mulher consagrava sua dependência ao mestre. À medida em que o homem se emancipava, passando ao estado de “mestre e possuidor” desta natureza para se tornar o intérprete e analista, sabendo reconhecer a evolução das espécies e a história da natureza, a mulher era imperativamente chamada à sua função ancestral de reprodutora da espécie, em seu trabalho de mãe, em uma natureza fora do tempo. Portanto, a mulher, este ser natural e dependente, era suscetível de ascender aos privilégios do homem, herança da *égalité* da Revolução.

Nesse sentido, o feminismo nascido em 1830 foi a manifestação mais visível. A afirmação reiterada da diferença entre os sexos tem uma dupla significação: as mulheres eram excluídas do mundo político, colocadas à distância do novo regime político (República), mas ainda dariam suporte àquilo que não lhes convém. Se a exclusão política é relativamente clara, o

---

<sup>39</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.199.



lugar da mulher na sociedade civil é bastante complexo. De fato, na sociedade civil, onde se acreditava estar o espaço privado e público, era atravessado por contradições suscitadas pelos diversos papéis da mulher, principalmente de filha, de esposa, de solteira ou de “filha mais velha”. Como filha, ela estava ao lado de seu irmão, através do novo Código Civil francês, em pé de igualdade, pois a lei havia suprimido o direito de primogenitura; como esposa, em extrema dependência do marido, pois, apesar da promessa de reciprocidade do artigo 212 do Código Civil, em outros artigos restringia-se a liberdade da esposa. Como solteira, ela tinha deveres, como pagar impostos, dever que corresponde normalmente ao direito censitário do cidadão a partir de um certo nível de imposição fiscal. Se os limites de seus direitos civis geraram a exclusão política, as contradições da sociedade abriram espaço para as mulheres criarem os caminhos de sua emancipação.<sup>40</sup> Enfim, a responsabilidade de fazer os costumes permitiu às mulheres do século XIX se integrarem na *cit * através de seus papéis de esposa e mãe. Pelas práticas variadas, utópicas ou filantrópicas, buscando a transformação dos costumes, elas se impuseram como cidadãs.

Flora reclamava os direitos das mulheres, porque estava convencida de que toda a infelicidade do mundo provém desse esquecimento e desprezo que se faz aos direitos naturais e imprescritíveis do ser mulher.

Eu reclamo os direitos para a mulher porque é o único modo de se ocupar de sua educação e da educação da mulher depende a do homem em geral e particularmente do homem do povo.– Eu reclamo os direitos da mulher porque é o único modo de obter sua reabilitação diante da Igreja, diante da lei e diante da sociedade e esta

---

<sup>40</sup> Fraise, G. *Muse de la Raison...* Op.cit., p.336.

## O caso da geração de Flora Tristan

reabilitação seria previamente necessária para que os próprios operários sejam reabilitados.<sup>41</sup>

Todo o mal da classe operária se resumia em duas palavras: miséria e ignorância. A saída para esta situação seria começar a instruir as mulheres, porque as mesmas eram as responsáveis pela instrução das crianças. A importância das mães para instruir os operários (pessoas do povo) era significativa, diferente de outras classes que possuem outros meios de se instruírem. Nas palavras de Flora: “Se as mulheres do povo continuarem neste estado de embrutecimento, elas irão deter todo o progresso”. Longe de ser uma atividade natural derivada da simples reprodução biológica, a maternidade não consiste apenas em dar a vida, mas também em socializar e preparar os seres humanos a conviver com os outros e, como tal, “é uma das atividades mais autenticamente humanas.”<sup>42</sup> Depois da burguesia ter feito a *Declaração dos Direitos dos Homens*, Flora incitou os operários a “libertar os últimos escravos”<sup>43</sup> que restavam na sociedade francesa – as mulheres.

Com o livro *Union Ouvrière* nas mãos, Flora parte para sua última viagem com o seguinte objetivo:

Eu compreendi que com meu livro publicado, eu tinha uma outra tarefa a cumprir, é de ir eu mesma, com meu projeto de união na mão, de cidade em cidade de um canto a outro na França para falar com os operários que não sabem ler e aqueles que não têm tempo de ler.<sup>44</sup>

Entretanto, essa ação propagada por Flora não seria apenas a difusão no meio dos trabalhadores dos ideais

---

<sup>41</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.205

<sup>42</sup> VARIKAS, Eleni. *O Pessoal é Político...* Op.cit., p.73.

<sup>43</sup> TRISTAN, Flora. *Union Ouvrière*. Op.cit., p.221.

<sup>44</sup> ID., IB., p.27.

socialistas. Para ser um “unisionista” é preciso ter outras virtudes, além de uma boa retórica, é preciso ter fé, amor e força. Como já vimos, Flora atribuía ao amor um poder revolucionário e transformador. Lendo a obra de Flora, vamos tomando consciência de sua força mística, no sentido dela se acreditar possuidora de idéias poderosas, vivendo-as profundamente, expressas nessa passagem de seu livro *Le Tour de France*:

Eu quero salvar o mundo. A tarefa é impossível! – Não!  
Com meu amor eu sinto que tudo me é possível. Os  
obstáculos são grandes, imensos! Que importa. Eu sinto em  
mim o cavaleiro errante – Eu só escuto minha fé, meu  
amor e minha vontade!<sup>45</sup>

A autora acreditava-se imbuída de uma missão especial, quase divina. Flora chega a se considerar uma “santa” da causa socialista:

Os hagiógrafos escreverão minha vida daqui a 300 anos.  
Eles dirão: – Esta mulher apóstola que se sacrificou pela  
humanidade, não achou uma só pessoa caridosa para dar-  
lhe um prato de sopa.<sup>46</sup>

Esse “messianismo feminino” baseava-se na observação de que só as mulheres seriam capazes de modificar o funcionamento do sistema social, pois estas seriam capazes de introduzir o elemento do jogo que desatará a situação.

A alavanca que elas querem usar é o amor, força revolucionária que não pára, aos seus olhos, de manifestar suas virtudes subversivas no combate do povo pela liberdade e inspirou as grandes figuras femininas do

---

<sup>45</sup>ID. *Le Tour de France*. Paris, texto e notas de Jules Puech, prefácio de Michel Collinet, introdução de Stéphane Michaud, vol I et II, Maspero, 1980, p.154.

<sup>46</sup> ID., *IB.*, p.158.

## O caso da geração de Flora Tristan

passado como Joana D'Arc, Tereza d'Avila ou Mme Guyon.<sup>47</sup>

A ausência de uma nítida fronteira entre o religioso e o político pode ser observada também pela terminologia utilizada pela autora: “Existe um evangelho novo para os trabalhadores: é meu pequeno livro que ensina seus direitos”. Na primeira metade do século XIX, havia um movimento claro de resgate do cristianismo, acompanhado de uma crítica feroz às instituições. Talvez o que ligue o socialismo ao cristianismo, na concepção dos socialistas utópicos, seja a vontade geral da criação de um “homem novo”. O que move o socialismo utópico não é mais a cólera de escravo renitente, mas a “insurreição divina”, que liga a revolução das cidades à marcha infinita no horizonte dos desertos, com a descoberta sem fim de novas terras para a existência livre.<sup>48</sup> Na revelação, a visão do que é justo se consoma na imagem de um tempo perfeito: como escatologia messiânica. Na idéia, a visão do justo se consoma na imagem de um espaço perfeito: como utopia. Por sua essência, a primeira transcende o aspecto social, ocupando-se do homem como criação e até mesmo como produto cósmico; a segunda permanece circunscrita ao âmbito da sociedade, mesmo que por vezes inclua em sua imagem uma transformação interna do homem. Escatologia significa consumação da criação. Utopia, desenvolvimento das possibilidades latentes na comunidade humana, de se concretizar uma ordem “justa”. Para a utopia, “tudo se acha submetido à vontade consciente do homem,

---

<sup>47</sup> MICHAUD, Stéphane. *Flora Tristan* (1803-1844). Paris, Les Éditions Ouvrières, 1984, p.149.

<sup>48</sup> RANCIÈRE, Jacques. *A Noite dos Proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p.122. (Tradução Marilda Pedreira.)

podendo-se mesmo considerá-la imagem da sociedade esboçada, como se não existissem outros fatores além dessa vontade”.<sup>49</sup>

Esse “messianismo socialista” foi vivido por Flora Tristan até as últimas conseqüências. Sua última viagem de militância pela França tem um tom dramático, uma vez que ela seguiu com seu propósito, mesmo sentindo severas dores causadas pelo atentado provocado por seu marido, que lhe atingiu com duas balas no peito. No fim de outubro do ano de 1844, quando ela se achava em Bordeaux, cai gravemente doente, com uma hemorragia cerebral que a levou em 14 de novembro. Ela foi sepultada nesta cidade e os trabalhadores de Bordeaux se cotizaram a fim de erigir um monumento funerário em sua memória. Eles gravaram a seguinte inscrição:

A Madame Flora TRISTAN,  
auteur de l'Union Ouvrière,  
les travailleurs reconnaissants.

---

<sup>49</sup> BUBER, Martin. *O Socialismo Utópico*. São Paulo, Perspectiva, 1986, pp.17-20. (Tradução: Pola Civelli.)